

INDIO BOM DE BOLA



No Posto de Umariagu, a bola é uma das poucas alegrias que restam aos índiozinhos ticunas daquela região do Alto Solimões

# Miséria e abandono é o que há para os índios do Solimões

Texto de Gildávio Ribeiro — Fotos de Alberto Ferreira

Os três postos do extinto Serviço de Proteção aos Índios no Alto Solimões sobre os quais a Delegacia Federal Neves da Costa fez várias denúncias, recentemente — Umariagu, Feijoa e Belém — são realmente um retrato da miséria, da sujeira e do abandono total em que vive o índio brasileiro na região. Pode não haver lepra entre eles, como disse a delegada mas nós não podemos constatar, mas houve realmente espancamentos e índios foram acorrentados pelo menos no lugar de Belém, onde o fazendeiro e comerciante Jordão Aires de Almeida confessou que por duas vezes foi obrigado a acorrentar índios "que se tinham embriagado e ofereciam perigo mortal". Leandro de Sousa Almeida, de 23 anos, filho do Sr. Jordão Aires de Almeida, foi expulso da colônia militar de Tabatinga, acusado de ter deflorado quatro índias, o que, em Belém, ele negou. Seu pai disse apenas que realmente não acredita no fato, mas que não pode assumir a responsabilidade por seu filho, maior de idade. Em Umariagu e Feijoa o que se vê é a pior miséria, os índios doentes, desprotegidos, morando em casebres descobertos, morrendo de febre e de frio. As crianças vivem na lama junto com os porcos. Os postos do extinto SPI não dispõem nem de remédios nem de dinheiro para pagar os funcionários. Feijoa ainda é um pouco melhor, mas Umariagu é uma desolação de fim de mundo.

Logo após a nossa chegada a Manaus, começamos a receber as primeiras informações sobre a existência de ticunas no Alto Solimões. Todos informavam que na região não havia índios e muito menos a lepra anunciada pela Delegacia Federal Neves da Costa.

As notícias não eram animadoras, mas na madrugada do dia seguinte embarcamos num catamarã da antiga frota da Panair para percorrer 1120 quilômetros até Benjamin Constant, cidade situada à margem direita do Rio Solimões, junto às fronteiras com o Peru e a Colômbia, o mais próximo entre os locais citados na denúncia da Delegacia.

Em Benjamin Constant nos informaram da existência dos ticunas no posto do ex-SPI denominado Umariagu e situado em frente à Ilha de Aramaçã, um dos locais onde a Delegacia Federal disse estarem os índios morrendo de lepra.

Seguimos dois dias após para o posto Umariagu, onde vivem cerca de 1300 ticunas. O encarregado, Sr. Estêvão da Silva Rodrigues, não se encontrava no local e o nosso desembarque de uma lancha foi assistido por sua mulher. Da janela de sua casa, logo que nos aproximamos da casa indagou:

— Os senhores têm autorização para visitar o Posto?

Respondemos que não, ao mesmo tempo em que observávamos ao longe alguns turistas norte-americanos colhendo fragmentos da vida dos índios com máquinas de fotografar e de filmar.

Acrescentamos que éramos jornalistas brasileiros e que necessitávamos falar com o encarregado do Posto e enquanto ele não regressava começamos a percorrer o local, seguindo sempre o passo dos turistas.

## O POSTO

As primeiras casas dos ticunas do Umariagu nos deram a visão real da falta de assistência do extinto Serviço de Proteção aos Índios: casas mal cobertas, índios deitados em redes sem a mínima proteção contra os efeitos do tempo.

O posto Umariagu se compõe de duas fileiras de casas, acompanhando o sentido do rio, por uma extensão de cerca de três quilômetros. As casas que vimos inicialmente estavam próximas à do administrador, mas à medida que fomos caminhando a situação piorava.

As casas mostravam sempre o mesmo desconforto das primeiras, com a agravante de estarem localizadas em meio a extensos charcos onde as crianças se misturavam com os porcos. Em pouco tempo de marcha alcançamos o grupo de turistas guiado por um funcionário do Consulado dos Estados Unidos em Leticia, na Colômbia, distante pouco mais de 20 minutos de lancha.

O guia nos fez perguntas sobre a nossa presença no local e ao saber que fora exigida uma autorização nos afirmou num português misturado com espanhol:

— Se vocês quiserem posso conseguir autorização para que visitem o posto, pois sou conhecido da mulher do encarregado.

Mais tarde viemos a saber que as autorizações para visitas eram fornecidas pelo Comandante da Colônia Militar de Tabatinga, situada próximo ao posto. O grupo não recebera autorização para fazer a visita.

Recusamos a oferta e prosseguimos no nosso trabalho. Pouco depois fomos alcançados pelo grupo quando já estávamos sendo assistidos pelo Sr. Bernardo Miller, ajudante do Sr. Estêvão da Silva Rodrigues, que nos explicava que os ticunas têm o hábito de comer ratos do mato — cada rato tem quase o tamanho de um gato.

Os turistas foram chegando e o guia foi logo apanhando um rato que havia sido morto naquela manhã. Segurando-o pelo rabo foi posar ao lado de cada um dos integrantes do grupo de entre exclamações de espanto e nojo, eram filmados e fotografados.

O Sr. Bernardo Miller nos confes-

sou que essas cenas se verificam com grande frequência e que além disso os turistas pagam preços altos pelos objetos fabricados pelos índios.

## CHUVA E LAMA

A medida que prosseguíamos a lama aumentava e, de repente, começou a chover. Os turistas regressaram apressados e nós prosseguimos de caminho de chuva. A maioria das casas estava vazia porque os índios se encontravam nas roças tirando mandioca para fazer farinha.

A salvação das casas é que todas elas são construídas acima do nível do chão, justamente para evitar as enchentes.

Indagávamos sempre sobre as condições de saúde e principalmente sobre a existência de lepra. Sabemos que doenças existem muitas, principalmente a tuberculose e a avitaminose, mas nunca casos de lepra. Chegamos a um ponto mais elevado, fomos informados que um velho, acabara de morrer vítima de frígida, um dos maiores males da região, causado pela mudança brusca de temperatura devido a degelos das Andes que provocam fortes e gélidas ventanias, fazendo com que o índio, devido ao desconforto de suas casas, quase sempre sem paredes laterais, nessas ocasiões apanhe fortes resfriados, seguidos de febre alta.

Por ignorância, quando a febre aumenta muito, o índio procura o rio, cujas águas também estão geladas a ponto de matar milhares de peixes e aí então o seu caso se agrava. Vem a pneumonia e outros distúrbios e os índios, que não têm deusas guardiãs, resistem muito pouco.

## CAPITÃO E CHEFE

A chuva estava muito forte e não pudemos continuar. Regressamos por uma outra fileira de casas que margeia o rio e logo depois encontramos o Chefe do posto, Sr. Estêvão da Silva Rodrigues, acompanhado do Capitão — caçique — Santiago Fernandes Pinto.

Santiago pouco falou, mas Estêvão se justificou dizendo que tinha ido à Colônia Militar.

Estêvão da Silva Rodrigues é um amazense jovem, casado, pai de três filhos e em véspera do quarto. Disse que ocupa o cargo de encarregado há um ano e oito meses e que foi nomeado pelo chefe da IR-1 de Manaus, Sr. Gilberto Figueiredo Pinto Costa, ganhando NCr\$ 105 mensais (que há quatro meses não recebe). Há também subvenções para o posto e os salários dos seus auxiliares, Srs. Bernardo Miller, Romildo de Sousa Moraes e Paulino Rondón.

Estêvão mancava quando nos dirigíamos para a sua casa. Tem um desvio de rótula que já é crônico e não tem condições de se tratar. Confeccionava que o posto estava passando por sérias dificuldades e acrescentou que desde a sua chegada somente lhe foram enviados NCr\$ 700 para a construção de uma escola para os índios.

— Não fosse a ajuda dos militares da Colônia — afirmou — como é que iríamos construir essa escola? O Capitão Leoni Correia que comandava a Colônia é que me forneceu homens e material para que essa escola, a Almirante Tamandaré, fosse construída.

## O ABANDONO.

Em sua casa, de apenas dois cômodos, ele desabafa:

— Vejam os senhores, isto é a chefia do posto. Uma mesa velha empilhada de papéis e uma prateleirinha para guardar os documentos. Nada vem para nós. O Paulino Rondón, auxiliar de enfermagem, não pode fazer nada. Nem de um pedaço de algodão, nem de uma gota de álcool ele dispõe para fazer um curativo. Limita-se apenas a aplicar uma injeção com a única seringa que temos.

E prossegue relatando que durante os 20 meses que está, como encarregado recebeu apenas 100 frascos de Pronapen, 10 vidros de Biorin, 50

comprimidos de Enteroviotormio, três caixas de Clorafenicol, dois vidros de Amebicida, 36 vidros de Paçajá, oito vidros de Dinamogenol, seis vidros de Fernerol, duas caixas de Fluadina, 500 comprimidos de Sulfadiazol, 150 comprimidos de Sulfaguanidina, 100 comprimidos de Rarical, 30 comprimidos de Doranol, 10 frascos de Estreptomicina, oito frascos de Ureidina, quatro agulhas hipodérmicas, 20 ampolas de Betaxina, 15 ampolas de Panteína, cinco vidros de Xarope contra tosse, 10 ampolas de Redexon, cinco ampolas de Cinalcan, cinco ampolas de Eusecyan, dois frascos de Biobirim e um pacote de algodo.

— Para 225 alunos distribuídos em três turnos — acrescentou — recebemos apenas 50 cadernos tipo colegial, 50 de caligrafia, 50 de desenho, duas caixas de giz, cinco dúzias de lápis de cor, cinco dúzias de borracha, cinco livros Infância Brasileira, 1.ª série, e cinco 2.ª série, 25 cadernos Ensino Básico, 25 de Matemática ABC e cinco dúzias de lápis.

## AS DIFICULDADES

Estêvão da Silva Rodrigues disse fazer questão de não escrever nada sobre sua situação. Afirmou ser funcionário do SPI há 13 anos mas que nunca pensou em ser encarregado.

— Sou funcionário nível 1 — acrescentou — e vivia em outro posto fazendo roças, servindo de guia, tirando castanha, visitando os índios, levando os balateiros para cá e para lá, e sempre como trabalhador apenas e auxiliar de motorista de barco. Vini para cá porque o antigo chefe pediu uma pessoa de confiança e eu fui escolhido.

— O chefe do posto, Bernardino da Conceição, acabou por tentar o suicídio porque descobriu que ele havia seduzido uma índia e eu acabei ficando por aqui como encarregado. Sei que estou aqui para manter a ordem, mas como é que vou fazer se não tenho recursos? Vou fazendo vista grossa para muita coisa porque sei que muitos deles são abusados e já até me bateram e fui obrigado a me valer do Exército.

Disse que o maior problema dos índios é a bebida, principalmente na época da Festa da Moça Nova, quando eles se embriagam com uma bebida denominada pajuaru, feita com infusões de mandioca e folhas torradas, para saudar a pelação — raspagem da cabeça — da jovem em idade de casamento e que estava presa em casa durante vários meses sem poder ser vista por ninguém.

— Aqui é proibida a venda de bebidas — prosseguiu — mas eles compram na Colômbia e quando ficam bêbados são de alta periculosidade, bem mais que os civilizados. E loucura tentar alguma coisa com eles quando estão bêbados, pois não resistem nada.

Disse que a situação é grave devido à falta de verbas e de instrutores e alegou que tudo está piorando porque o Caçique Santiago Fernandes está querendo deixar o posto, pois já não consegue mais controlar seu povo, que sempre cobra as promessas de que o SPI lhes vai dar condições de vida.

— Isso tudo é certo — disse — pois desde que aqui estou não recebi nenhuma visita de autoridades do SPI. Não sei o que está acontecendo mas só sei que não está nada bom para nós e isso já esperava pois até recibos falsos nos faziam assinar como foi o caso de várias citações numa roda de colegas.

— Eu não assinei nenhum mas o colega Elias da Silva sabe o nome de todos os que assinavam recibos falsos — asseverou.

## ENSINO EM COLAPSO

As três professoras de Umariagu, Teresinha de Jesus Rodrigues, Abigail Feitosa Alves e Adália da Conceição Graça, ganham cada uma NCr\$ 48 e são todas de outras localidades. Foram contratadas pela Secretaria de Educação, através da Colônia Militar, e estão para abandonar o Posto porque não têm condições de se manter.

Argumentam que estão passando necessidades e que nem os mantimentos prometidos estão recebendo.

Teresinha tem 18 anos, Abigail, 23, e Adália, 19. Todas cozinham e lavam sua roupa.

As três dizem que pelo menos deveriam lhes dar uma canoazinha para poderem ir a Tabatinga aos domingos e feriados, pelo menos para assistir a uma sessão de cinema. E reafirmam:

— Se não tomarem providências vamos embora, pois não queremos ficar como o professor Almirante Juvenio Nunes de Sousa, que no ano passado não recebeu um ordenado sequer, apesar de remar diariamente cerca de uma hora para poder dar aulas de manhã, de tarde e de noite.

— A única coisa que nos está prendendo — disseram — é a vontade que os índios têm de aprender, tanto as crianças como os adultos.

## NO FEJJOAL

Descendo o Rio Solimões de canoa leva-se dois dias para chegar ao outro povoado ticuna. De lancha, leva-se algumas horas, mas fretamos um avião devido à escassez de tempo. O povoado tem, um outro aspecto de Umariagu, parecendo que o primeiro está quase que mergulhado na lama, devido à presença do SPI.

Feijoa fica também à margem do rio, mas numa região mais elevada e onde o solo é mais duro. Não se vêem cerca de 30 casas bem mais apresentáveis que as de Umariagu e os índios são mais saudáveis, mas a miséria é a mesma e o Capitão — caçique — Manuel Florentino, misturando sua língua nativa com o português, numa sintaxe que não é nem de uma nem de outra, nos afirmava:

— Eu e meu povo estamos aqui à espera de alguém que nos queira ajudar, pois o padre não está mais aqui. Falta professora, remédio e por isso nós pensamos hoje em dia que Deus deve mandar Gente Grande assim para nos ajudar que nós garantimos pra trabalhar pois nosso povo aqui não trabalha. Nós o de Umariagu que não trabalha. Como aqui sabemos o que fazer.

— Então verdade Brasil não tem pena da pobreza dos caboclos? Porque nós somos uns brasileiros caboclos. Em Peru, lá muito bem, mas aqui em Brasil, atrás muito. Assim que eu disse, quem compreendeu o que eu disse agora, pode escutar zé Gêneso Grande que eu estou falando aqui no Amazonas: eu sou Manuel Florentino Francisco, único mente (cabeça) tribo de Galo (os ticunas dão às suas tribos nomes de animais). Ninguém me ensinou nada, ninguém me dá conselho pra mim, sou eu mesmo que tiro da minha cabeça como que está no meu pensamento.

— Aqui tem muita gente me falou e fez reclamação e por isso agora eu peço. Eu aqui triste muito aqui porque muita Gente Grande não me lembra e por isso eu queria sair porque se não vier ajuda o que é das crianças agora. Pode responder pro deputado e pro Governo Grande que por aqui falta muita ferramenta: falta enxó, terçado, machado e tudo. Se fosse qualquer gente assim grande me auxiliar nós garantimos pra trabalhar.

— Mas — acrescentou — o que nós podemos plantar, se falta remédio todo dia, se aqui tem doente, tem vomito, tem febre, tem dor de cabeça? Esse povo que vive aqui, vive como criação, como animal.

— Agora me diz verdade, Governo Grande me responde pra lá se tem pena de mim e do meu povo e pode mandar qualquer uma ferramenta pra trabalhar aqui, enxada, machado, terçado, serrote, formão, plaina, tudo que nós precisamos aqui.

— Então agora, se temos essas ferramentas, todas as coisas, a gente aqui tudo recebe e não como outra parte tudo vagabundo, como esse povo aí do Umariagu. Nós garantimos que fazemos e se as casas da gente estão fúas é por que não temos ferramenta para trabalhar. Por isso tudo é feio. Falta professora também, pode mandar.

— Se verdade tem pena dos pobres Governo brasileiro aqui falta tudo e não temos vila perto. Para Benjamin Constant levamos dois dias de barco para comprar alguma coisa, um sabãozinho, e quem não tem produto para vender por aí fica sem ter nada, lavando tudo sem sabão. Precisamos de tudo, sapato, tudo e tudo. Se aparecer gratificação nós todos alegres, todos animados para o trabalho. Assim é que estamos passando aqui e estamos muito tristes.

## TICUNAS DE BELÉM

Bem mais abaixo de Feijoa, já no Município de São Paulo de Olivença, fica o terceiro grande grupamento ticuna, de nome Belém, na propriedade do fazendeiro e comerciante Jordão Aires de Almeida, na região do Rio Tucana, pelo de investidas por parte da Delegacia Federal Neves da Costa para apurar denúncias de sevícias praticadas contra os índios.

O local impressiona bastante, principalmente visto de avião, como foi o nosso caso. A impressão inicial foi de ordem e limpeza, mas quando descemos o quadro não era o mesmo. Não se comparava, entretanto, ao de Umariagu. O Sr. Jordão Aires de Almeida, continuando o trabalho iniciado por seu pai há mais de 20 anos, levantou uma vila para os ticunas, com as casas todas bem construídas e bem ordenadas em avenidas.

Disse o Sr. Jordão de Almeida, que não pode conceber ao certo de onde tenha partido a denúncia de que seviciava índios, mas acrescentou ter quase a certeza de que elas foram fruto de campanha movida por seus vizinhos comerciantes e pelos colombianos.

— O problema — afirmou — é que o Brasil não tem guardas nas fronteiras e os colombianos sim. Devido a essa falta de vigilância, eles se julgam no direito de entrar no meu terreno e comerciar com os caboclos que vivem na minha terra, sem que as autoridades disso tomem conhecimento. E eu que sou brasileiro e pago meus impostos é que levo a pior.

Acrescentou que os incidentes já vinham ocorrendo há algum tempo e que ele só não foi morto porque a bebida não havia sido introduzida entre os ticunas. Mas eles continuaram com a campanha, inclusive se valendo da sua ignorância para dizer que, como militares, eles é que tinham os direitos e não nós. Esse é o principal motivo para o fato de terem me denunciado.

## A CONFISSÃO

O fazendeiro Jordão Aires de Almeida confessou que por duas vezes foi obrigado a prender e acorrentar caboclos alcoolizados para que não acontecesse algo mais sério.

A primeira foi quando a professora Oriandina Siqueira dava uma aula à noite — acrescentou — e apareceu esse caboclo cujo nome nem sei, totalmente alcoolizado com o pajuaru e começou a querer revirar a mesa e arrombar as paredes, com palavrões mais e outras atitudes.

— Ajudado pelos próprios alunos e pais dos alunos consegui prender o índio e levá-lo para sua casa e, como não tivesse local para guardá-lo, tranquei-o num quarto e acorrentei-o pela porta. Horas depois ele foi solto.

O segundo caso — acrescentou — foi por ocasião de uma festa onde um caboclo queria vender bebida, o que era proibido. Chamei sua atenção e ele prometeu respeitar a ordem, mas pouco depois a festa era um verdadeiro pandemônio, com o caboclo criando as maiores brigas sob os efeitos da bebida. Prendi-o na mesma corrente e mais tarde soltei-o e ele voltou à festa, onde dançou até o amanhecer.

— Todas as vezes que qualquer pessoa tiver pela frente um índio neste estado — frisou — não pode deixar de agir assim.

Sua mulher, Dona Maria da Gló-

ria Almeida, é quem relata os sofrimentos após a prisão do seu marido e do seu filho:

— Eles matam o próprio pai, matam a própria mãe e bebem o sangue, por que não podem fazer o mesmo com os civilizados? Há cerca de quatro anos eles mataram um índio a facadas e misturaram o sangue com pajuaru e beberam em seguida.

— Agora — disse — vejam a minha situação, sózinha nesta casa com oito filhos menores e este rapaz epilético. Assim que meu marido foi preso eles mandaram me dizer que iam queimar minha casa. Chamei alguns deles e em prantos pedi: vocês não venham me fazer mal, eu estou só, não estou mexendo com vocês, eu estou só com meus filhinhos, não vão queimar minha casa. Deixe meu marido chegar para a gente resolver ou se retirar, mas não façam isso comigo.

Então, eles responderam: — Então está bem, vamos esperar o marido dela chegar.

## A SEDUÇÃO

O Sr. Jordão Aires de Almeida disse não acreditar que seus filhos tenham se aproveitado das índias, mas afirmou não poder assumir a responsabilidade por seu filho Leandro, de 23 anos, que foi expulso da colônia militar de Tabatinga sob a acusação de quatro defloramentos.

— Não creio que meu filho tenha feito isso aqui — adiantou — e tudo não deve ter passado de intriga dos meus inimigos. Só não posso assumir a responsabilidade por ele.

Leandro de Sousa Almeida negou tivesse feito qualquer coisa com as índias e disse que a sua expulsão foi "injusta", por que não fez "tanta coisa" como lhe foi atribuído. Afirmou que a Delegacia Neves da Costa conduziu de maneira errada o interrogatório, modificando as respostas contra si e deixando de ouvir as testemunhas a seu favor.

## PALAVRA DO MAJOR

O Comandante da Colônia Militar de Tabatinga, Major José Luis Leal dos Santos, confirmou as denúncias da Delegacia Federal no que dizia respeito a Leandro de Sousa Almeida, mas disse que o pai de Leandro, Sr. Jordão Aires de Almeida, fez um trabalho positivo ao organizar a vila.

— Quanto à exploração — continuou — ainda é aceitável, porque ela se verifica em toda essa região. Mas os maus tratos foram confirmados e isso não aceitamos. Por isso ele foi preso.

Disse que o Sr. Jordão de Almeida, como todos os comerciantes e donos de terras da região, vendem seus produtos bastante caros não dando chance a que o pobre nem ao menos consiga ver a cor do dinheiro.

## OS AMBULANTES

Os índios Ticunas vivem para cima e para baixo do Solimões, do Javari e de outros rios vendendo seus produtos. Suas pequenas canoas são vistas a qualquer hora do dia e da noite e eles as manejam com extrema habilidade, fazendo abordagem de navios ancorados ou se embrenhando nos igarapés para fugir das ondas deixadas pelas lanchas e regatões.

Uma característica logo notada é o gosto que eles têm pelos estudos. Adultos e crianças se esforçam ao máximo para aprender a ler e escrever e todos são considerados bons alunos.